

APRESENTAÇÃO

O número dois do décimo-quinto volume da *Scripta Uniandrade*, cujo eixo temático privilegia a literatura fantástica de expressão inglesa, reúne quatro artigos que analisam narrativas sombrias ou macabras do século XIX, criadas pelo poeta e contista estadunidense Edgar Allan Poe e pelos escritores ingleses Emily Brontë, Charles Dickens e Mary Shelley, todos eles mestres em diversos subgêneros do fantástico.

Em virtude de traços comuns existentes entre as diferentes configurações do fantástico como o gótico, o maravilhoso, o estranho, a ficção científica, o realismo mágico e outros, há divergências sobre o que seria o fantástico no sentido estrito do termo. Apesar de que todas as modalidades mencionadas oscilam entre duas ordens discursivas – a realista e a não realista – a narrativa fantástica *stricto sensu*, segundo a maioria dos teóricos, é regida pela contradição estabelecida entre o real e a manifestação de fenômenos considerados estranhos, insólitos ou sobrenaturais. Entre as condições distintivas do fantástico literário, destaca-se a noção de hesitação entre o real e o sobrenatural de Todorov, considerada imprescindível para a formalização do gênero e levada em consideração pela maioria dos críticos que se debruçam sobre narrativas fantásticas.

No ensaio de abertura, intitulado “Aspectos inovadores na escrita gótica de *O morro dos ventos uivantes*”, Alessandro Yuri Alegrette analisa dois aspectos do romance de Emily Brontë, publicado em 1847: a espacialidade gótica, evidenciada na descrição de *Wuthering Heights*, a antiga e sinistra casa que dá título ao romance, e a caracterização do vilão Heathcliff, cujos traços são inspirados em criaturas monstruosas, entre elas o vampiro, uma figura recorrente em textos góticos de expressão inglesa do século XIX. Na sequência, no artigo “‘Livreto fantasmagórico’: uma análise de *Um conto de natal* e seus elementos fantásticos”, os autores Cássia Farias e André Cabral de Almeida Cardoso ressaltam que, apesar do conto publicado em 1843 ser uma alegoria e, assim, não se enquadrar nos conceitos todorovianos de fantástico *stricto sensu* ou fantástico-maravilhoso, na narrativa de Dickens, as aparições fantasmagóricas são essenciais para intensificar a crítica do contexto sócio-cultural à época.

Em “‘Todos os seus dentes eram ideias’: a representação de gênero no conto ‘Berenice’, de Edgar Allan Poe”, Greicy Pinto Bellin discute as representações de gênero enquanto relação no conto publicado em 1938, a

partir da constatação de dependência entre Egeu, o narrador, e Berenice, sua prima, por quem ele se apaixona. A autora utiliza as considerações críticas de Elizabeth Bronfen (1992) e de Sandra Gilbert e Susan Gubar (1979) para discutir a representação da figura feminina atrelada ao imaginário social do Romantismo gótico, segundo o qual a beleza da mulher aparece associada à morte, à doença, à destruição e à decadência – propriedades que no conto em questão também caracterizam a personagem masculina –, permitindo, assim, realizar uma análise comparativa entre o feminino e o masculino. E, no último ensaio do eixo temático, intitulado “As molduras espaciais do fantástico em *Frankenstein*: uma topoanálise”, Sigrid Renaux mostra como o estudo do espaço na obra de Mary Shelley, publicada em 1818, contribui para dramatizar os elementos fantásticos do enredo, haja vista que as referidas molduras são utilizadas para abrigar os dois gêneros que compõem o texto: o epistolar, ou seja, as diversas cartas escritas pelo capitão Robert Walton à sua irmã, nas quais relata ter visto o ser gigantesco criado por Victor Frankenstein e, em seguida, ter alojado o próprio cientista moribundo no navio sob seu comando; e o narrativo, por meio do qual Frankenstein passa a narrar sua história ao capitão Walton. A autora acredita que a estratégia do entrelaçamento de gêneros confere maior autenticidade à estranheza dos acontecimentos.

No primeiro artigo da seção Varia, Rogério Caetano de Almeida e Fernanda Korowsky Moura investigam a natureza do fantástico no conto “Aparição” de Guy de Maupassant, um dos grandes representantes da literatura fantástica de expressão francesa do século XIX, o qual explora uma situação que causa no leitor uma sombria hesitação com relação ao que é real e o que é sobrenatural. A partir de considerações teóricas desenvolvidas por Todorov, os autores almejam verificar em que categoria o conto se encaixa – o maravilhoso, o estranho ou o fantástico *stricto sensu*. A seguir, no artigo “O *Ricardo III* de Gasparani e Mòdena: um solo de múltiplas vozes”, Marcia do Amaral Peixoto Martins e Liana de Camargo Leão apresentam e discutem a recente transposição para o palco da peça *Ricardo III* de Shakespeare, realizada em 2014, na qual um único ator vive vinte e seis personagens. Nessa adaptação, o texto da peça foi transformado em um roteiro que introduz um narrador para explicitar aspectos da trama shakespeariana, drasticamente reduzida e interpolada com elementos indicativos de brasilidade para estimular a capacidade lúdica e imaginativa do espectador.

Em “Particularidades da avareza em *O avarento*, de Molière”, as especificidades da produção artística do dramaturgo francês são exploradas por Maricélia Nunes dos Santos, a partir de perspectivas teóricas de Bakhtin (1999) acerca do riso. A autora busca estabelecer um diálogo entre o avarento de Molière e outras personagens tipo semelhantes. Já em “A viagem como lugar comum: Heródoto, Paulo e Apolônio de Tiana”, Alessandro Beccari discute a figura do viajante em três momentos da literatura grega: no *lógos*

egípcio de Heródoto, n’*A vida de Apolônio de Tiana*, de Filóstrato, e nos percursos de Paulo, segundo o autor do livro de *Atos*, objetivando demonstrar que, nos três casos, o tema da viagem é um dispositivo retórico empregado com finalidades específicas. E em “*Purgatório: a fotografia como espectro e testemunho no romance de Thomás Eloy Martínez*”, Anuschka Reichmann Lemos examina aspectos da narrativa do romancista e jornalista argentino que dialogam com vários outros textos, filmes, músicas, mapas, programas televisivos e fotografias, objetivando investigar o papel de imagens fotográficas que se apresentam como elementos de cena e acrescentam camadas de significação à narrativa. A autora seleciona algumas das imagens descritas no romance e, à luz de teóricos da fotografia, como Arlindo Machado e Boris Kossoy, busca rastrear o trajeto da fotografia como espectro ou testemunho, no processo de mapeamento de pessoas feridas ou desaparecidas durante a ditadura militar (1976-1983) na Argentina.

A resenha de Deborah Scheidt versa sobre o livro *The Making of Jane Austen*, da escritora estadunidense Devoney Looser (Baltimore: John Hopkins University Press, 2017), um dos vários lançamentos de 2017 em homenagem a Jane Austen por ocasião do ducentésimo aniversário de sua morte. O principal diferencial desta obra, entre as centenas existentes sobre Austen e seu legado, está na proposta da autora de reavaliar historicamente as transformações na recepção austeniana.

A problematização em torno dos romances e contos de expressão inglesa, analisados no eixo temático desse número revista, na seção Varia foi ampliada e complementada pela discussão de um conto de Guy de Maupassant, um dos grandes representantes da literatura fantástica de expressão francesa. Vale lembrar que as manifestações do fantástico do século XIX, em virtude de seu caráter contestador e transgressor, nasceram em oposição ao pensamento racionalista prevalecente à época e muito contribuíram para o enriquecimento do cânone ocidental.

As editoras